

**LUZ E CANÇÕES DE LIBERDADE:
REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DO COMITÊ NÃO-VIOLENTO DE
COORDENAÇÃO ESTUDANTIL (SNCC) PARA O INTERNACIONALISMO
NEGRO¹**

Geri Augusto²

Resumo: O que veio a ser designado como “o movimento pelos direitos civis” nos EUA foi, para a maioria de seus participantes ativos, um *movimento de liberdade* muito mais amplo e profundo. O Comitê Não-Violento de Coordenação Estudantil (SNCC), uma das mais radicais organizações deste movimento nos anos 1960, teve um significativo impacto subsequente nas práticas e ideias do internacionalismo negro. As noções de um vetor de movimento, de atos de pensamentos e a expansão de compreensões múltiplas sobre liberdades são desenvolvidas aqui, ilustradas pelo trabalho de um grupo de internacionalistas negros que foram influenciados pelo SNCC no Centro para Educação Negra e na livraria e editora Drum & Spear, em Washington, D.C. Muitos desses conceitos e práticas foram encapsulados pelas canções do Movimento Sulista pela Liberdade, e pelas ideias de Ella Baker, organizadora de direitos civis e humanos e “madrinha” do SNCC. As reflexões pessoais da autora são incitadas por sua participação na conferência de celebração do quinquagésimo aniversário de fundação do SNCC, que aconteceu em abril de 2010, e por muitos dos eventos relatados.

¹ Título original: “The Light and Songs of Freedom: Reflections on SNCC’s Legacy to Black Internationalism” (texto inédito). Tradução de Kátia Santos: tradutora formada pela PUC/RJ, doutora em Cultura e Literatura Brasileiras pela University of Georgia, Departamento de Línguas Românicas, tendo os Estudos de Cultura e Literatura Afro-Americanas e os Estudos Feministas como sub-áreas de especialização. Atualmente é pós-doutoranda em Estudos Culturais no PACC/UFRJ e faz MBA em Cinema-Documentário na FGV-RJ. E-mail: katia.costasantos@gmail.com.

Nota da Tradutora (NT): Optamos por manter a sigla em inglês: Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC), por ser esta bastante difundida na bibliografia sobre o movimento pelos direitos civis nos EUA.

² É Professora Associada de Políticas Públicas da Brown University (Providence, Rhode Island, EUA) e membro do Instituto Watson de Estudos Internacionais, na mesma universidade. Ainda na Brown University, Dra. Geri Augusto é filiada ao Departamento de Estudos Africanos e ao Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos, faz parte do Comitê Central de Estudos de Ciência e Tecnologia. Bacharel em Economia (Howard University, de Washington, D.C.), Mestre em Administração Pública (Harvard Kennedy School, Cambridge), e Ed.D. em Aprendizagem Humana e Organizacional (Faculdade de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano, George Washington University, Washington, D.C.). E-mail: geri_augusto@brown.edu.

Palavras-Chave: internacolonismo negro, movimento pelos direitos civis, movimentos pela liberdade, SNCC, pan-africanismo, educação negra independente.

THE LIGHT AND SONGS OF FREEDOM: REFLECTIONS ON SNCC’S LEGACY TO BLACK INTERNATIONALISM

Abstract: What received wisdom has designated “the civil rights movement” in the USA was, for its most active participants a much broader and deeper *freedom movement*. The Student Non-Violent Coordinating Committee, one of the most radical of the 1960s organizations in this movement, had significant subsequent impact on the practice and ideas of black internationalism. The notions of a vector of movement, thought-acts and expanding multiple understandings of freedoms are developed here, illustrated by the work of a group of SNCC-influenced black internationalists at Washington, D.C.’s Center for Black Education and Drum & Spear Bookstore and Press. Many of these concepts and practices were encapsulated in the songs of the Southern Freedom Movement, and the ideas of the civil and human rights organizer Ella Baker, SNCC’s “godmother”. The author’s personal reflections on SNCC are prompted by participation at the 2010 conference marking the 50th anniversary of its founding, as well as in many of the events described.

Keywords: black internacionalismo, civil rights movement, freedom movements, SNCC, Pan Africanism, independent black education.

CANCIONES DE LA LUZ Y LA LIBERTAD: REFLEXIONES SOBRE EL LEGADO DE LA COMISIÓN DE COORDINACIÓN DE LOS ESTUDIANTES NO VIOLENTO (SNCC) PARA EL INTERNACIONALISMO NEGRO

Resumen: Lo que se conoció como “el movimiento de derechos civiles” en Estados Unidos fue, para la mayoría de sus afiliados en activo, un movimiento de libertad mucho más amplia y más profunda. El Comité Coordinador No Violento de Estudiantes (SNCC), una de las organizaciones más radicales de este movimiento en la década de 1960, tuvo un impacto significativo en la práctica ulterior y las ideas del internacionalismo negro. Las nociones de un vector de movimiento, acciones y pensamientos en la expansión de las libertades son múltiples interpretaciones desarrollado aquí se ilustran por el trabajo de un grupo de internacionalistas que fueron influenciados por SNCC negro en el Centro de Educación Negro y la librería y la publicación de Drum & Spear, Washington, DC Muchos de estos conceptos y prácticas que se han recogido por las canciones del Movimiento Sur de la Libertad, y las ideas de Ella Baker, organizador de los derechos civiles y humanos y “madrina” del SNCC reflexiones personales del autor se le pregunta por su participación en la conferencia en la celebración del cincuentenario de la fundación del SNCC, que ocurrió en abril de 2010, y muchos de los hechos denunciados.

Palabras claves: internacolonismo, movimiento para la garantía de los derechos civiles, los movimientos de libertad, el SNCC, el panafricanismo, la enseñanza negra independiente.

“Forneça a luz e as pessoas encontrarão o caminho”, Ella J. Baker³

“Esta minha pequena luz, vou deixá-la brilhar... onde quer que eu vá, a deixarei brilhar”, Canto religioso tradicional dos negros do Sul dos Estados Unidos (um *Negro Spiritual*) e hino do Movimento Sulista pela Liberdade.⁴

A história vista de dentro

O que veio a ser designado como “o movimento pelos direitos civis” nos EUA foi, para aqueles que participaram ou que estavam de alguma forma imersos nele, o *movimento de liberdade*, e foi realizado, em suas próprias palavras gravadas em documentos, discursos e canções, como uma “luta por direitos humanos”, “direitos iguais” e “direitos fundamentais”. Aqueles direitos, na visão deles, incluíam, mas iam além do direito ao voto e da igualdade de acesso a processos e espaços públicos. Eram também direitos *sociais* e *econômicos*, necessários à “dignidade humana” daqueles que tinham sido um dia escravizados e de seus descendentes, ainda explorados e oprimidos, assim como de outras pessoas. As

³ Ella Josephine Baker (1913-1986) passou a maior parte de sua vida organizando e trabalhando para organizações que lutavam por direitos iguais. Militou em prol da comunidade afro-americana. Insistiu com as organizações pelos direitos civis mais antigas, como a Conferência da Liderança Cristã Sulista (SCLC), para que se apoiasse a abertura política e os arranjos logísticos, o que tornou possível a criação do SNCC em 1960. A senhora Baker é considerada a “mãe” da SNCC. Mas, como observou John Lewis, um ex-dirigente do SNCC (1963) e hoje membro do congresso norte-americano pelo Estado da Geórgia, “em termos de ideias, filosofia e comprometimento, ela era uma das pessoas mais jovens do movimento”.

⁴ Bernice Johnson Reagon (1997) observa que, tendo em vista o vasto repertório das formas de música dos negros norte-americanos, principalmente os *spirituals* e *gospels* das igrejas, “os ativistas que puxavam as canções fizeram uma nova música para um novo tempo”. Dra. Reagon, um dos membros originais dos Cantores da Liberdade da SNCC, e que depois foi uma das fundadoras do grupo musical Sweet-Honey-in-the-Rock, e autora da estimulante “Canção de Ella” (“nós que acreditamos na liberdade não devemos esmorecer...”), é também uma importante teórica do que ela chama de “a cultura das canções do movimento”. Tal como as músicas do Ilê-Aiyê e outros blocos afro no Brasil, caracterizados como “a liberdade buscada pelo impulso musical negro” (Ferreira, Santos e Cardoso, 2003), essas eram “canções de liberdade capazes de expressar a força e propósito do Movimento” e “a linguagem que concentrava a energia das pessoas que enchiam as ruas e estradas... naquela época”, como coloca Reagon.

lideranças do movimento eram mais profundas e amplas do que as poucas figuras que se tornaram mais conhecidas e foram, relutantemente, aceitas mais tarde no restrito panteão de heróis públicos americanos. Além disso, longe de ser apenas um breve e notável fenômeno dos anos 1960 e início dos anos 1970, o movimento de liberdade teve raízes profundas nas primeiras e multifacetadas lutas dos afro-americanos nos EUA no século XX, principalmente no vasto Sul do país. E essas lutas, por sua vez, tinham antecedentes nas várias formas como os cativos africanos, durante séculos, lutaram contra a escravização e a escravidão nas plantações das Américas de Norte a Sul, nas cidades portuárias dos dois lados do Atlântico, ao longo dos golfos e baías e de dentro das próprias ameaçadas sociedades africanas.

De 15 a 18 de abril de 2010, ex-membros do Comitê Não-Violento de Coordenação Estudantil (SNCC), uma das principais organizações do movimento de liberdade do século recém-terminado, celebraram o quinquagésimo aniversário de sua fundação, na histórica universidade negra Shaw University, em Raleigh, Carolina do Norte. Eles e milhares de pessoas que estavam lá para lembrar juntos, em uma profusão de formas muitas vezes contraditórias, do Movimento Sulista pela Liberdade e da inigualável influência do SNCC sobre o movimento se reuniram no mesmo local onde a organização estudantil começou. Este começo, como é amplamente sabido, se deu quando Ella Baker aproveitou o advento de uma onda de *sit-ins*⁵ de estudantes em 1960, através do segregado Sul dos Estados Unidos, para convocar uma reunião com os estudantes que participavam desses protestos e responder, nos termos e maneiras deles mesmos, na condição de comitê jovem para a libertação, à questão: “Para aonde vamos agora?”⁶ Era justo que, entre tantos ativistas contemporâneos e movimentos populares presentes à conferência do aniversário de 50 anos do SNCC, lugares de honra em workshops e apresentações fossem reservados, durante todo o sábado, para organizações de jovens que atualmente lutam contra injustiças que vão do “sistema de escola penitenciária” à educação pública desigual e fraca e ao racismo ambiental, e que muitos diálogos tenham acontecido entre “jovens” e “velhos” durante todo o fim-de-semana.

Há vários pontos de vista circulando entre os próprios membros do SNCC sobre como uma das

⁵ NT: Protestos organizados nos quais os participantes sentam-se em lugares, espaços, dos quais se recusam a se retirarem até que suas reivindicações sejam atendidas.

⁶ Os *sit-ins* geralmente se davam em lanchonetes de estabelecimentos públicos que se recusavam a servir pessoas negras. Os estudantes, que tinham consciência de que poderiam ser espancados, cuspidos, insultados por grupos de pessoas brancas e serem presos, simplesmente se sentavam às mesas e balcões, de maneira digna, e requisitavam o serviço. Quando o serviço lhes era negado e eles eram presos, acontecia o espetáculo público, testemunhado por outros cidadãos, e registrado pelos repórteres e câmeras, de pessoas sendo presas apenas porque tentaram exercer um aspecto de seus direitos.

organizações, sem dúvida alguma, mais radicais da época se desenvolveu e por que, eventualmente, teria se dispersado. Está muito além do alcance, capacidade ou propósito deste artigo recapitular os argumentos ou julgar seus equívocos.⁷ Histórias úteis e mais completas do SNCC e investigações e interpretações de sua filosofia e práxis têm emergido já há algum tempo, mas elas rivalizam com uma enxurrada de versões fílmicas de Hollywood e selos postais reducionistas do Movimento. Um incremento muito bem-vindo, nos últimos quinze anos aproximadamente, tem sido a emergência de um número crescente, embora ainda muito pequeno, de publicações, documentários, websites e material didático dos próprios ex-membros e partidários do SNCC. Tudo isso, também, é um arquivo de muitas vozes sobre o que o SNCC era, fez e, acima de tudo, pretendia dentro do movimento de liberdade do século XX como um todo, nos EUA e além. Para os escritores, uma das formas mais produtivas de acessar essa história criticamente, e fazer uso dela para o presente e para o futuro, é absorver o que estes observadores participantes têm escrito e registrado em imagem e som.

Estar presente ao lançamento de livros que aconteceu durante a conferência do 50º aniversário do SNCC foi realmente atravessar um currículo público da liberdade, visto que os membros do SNCC, “testemunhas oculares” ou pesquisadores mais jovens, fazendo uso da oratória ainda disponível, se colocavam a postos para autografar e explicar seus próprios trabalhos e os de escritores “falecidos ou não disponíveis”. Eu, por exemplo, adquiri livros, músicas e DVDs de filmes escritos, dirigidos ou com curadoria de Robert Moses, Judy Richardson, Henry Hampton, Charles Cobb, Ekwueme Michael Thelwell, Bernice Reagon, Hassan Kwame Jeffries, Barbara Ransby, Howard Zinn, Charles Payne e Jamil Abdullah al-Amin (ver Referências bibliográficas). Entre os anúncios importantes de outros recursos críticos, havia folhetos e marcadores de livros anunciando exposição de fotografias, websites e ainda outras futuras publicações.⁸ *O máximo*

⁷ A vibrante, e quase sempre “acalorada”, lista eletrônica dos membros do SNCC é uma fonte ininterrupta de contínuos debates e diálogos entre ex-membros e simpatizantes. Quando minha mãe encaminha para mim uma das longas e complicadas correspondências, eu sei que é melhor preparar um chá e sentar-me para lê-las com cuidado.

⁸ Entre esses havia, para apresentar alguns exemplos, “This Light of Ours: Activist Photographers of the Civil Rights Movement” (Essa nossa luz: fotógrafos ativistas do Movimento pelos Direitos Cívicos), a exposição que aconteceria primeiro no Center for Documentary Arts, disponível: www.cdautah.org/human-rights-gallery; o website “De, por e para Veteranos do Movimento pelos Direitos Cívicos..., documentando o Movimento Sulista pela Liberdade como nós o vivenciamos”, disponível em: www.crmvet.org; e a futura publicação de Faith Holsaert, Martha Prescod Norman Noonan, Judy Richardson, *et alii*, prevista para setembro de 2010, com depoimentos de mulheres do SNCC. Judy Richardson foi também curadora, no hotel da conferência, de um festival noturno de documentários e filmes de longa metragem sobre o Movimento.

possível de tradução desses trabalhos para outras línguas, na minha opinião, é de importância crítica absoluta para pesquisadores e ativistas, tanto nos Estados Unidos quanto globalmente.

É preciso que se diga também que o documento de registro da conferência, a espessa cópia impressa do programa compilado por um comitê de planejamento formado por ex-membros, já representa um texto de singular importância para os arquivos sobre o movimento de liberdade. Ele traz não só o programa completo do aniversário de 50 anos, como também imagens de pôsteres, fotografias, mini-biografias de figuras-chave; uma lista de “heróis e heroínas” e também de “mártires assassinados porque lutaram por liberdade nos anos 1960-1970”. Além disso, há fac-símiles da Convocatória e Declaração de Propósito original do SNCC, de informações atuais sobre seus fundadores e da lista dos representantes fundadores de 1960; um mapa completo dos projetos de organização do SNCC; memorandos organizacionais internos e relatórios de trabalho de campo originais do SNCC, escritos no calor da luta. O programa de aniversário de 50 anos possui também cópias dos comprovantes falsos de registro de eleitores usados para impedir que os negros se registrassem para votar; relatórios e memorandos originais do Projeto de Verão do Mississippi de 1964, do desafio do Partido Democrático pela Liberdade do Mississippi (*Mississippi Freedom Democratic Party*) (MFDP) “à delegação bem comportada e branca angelical durante a Convenção Democrática em Atlantic City”, e da Organização pela Liberdade, do Condado de Lowndes, no Alabama, que deu origem ao símbolo dos Panteras Negras (*Black Panther*) e ao slogan “*black power*”. São apresentados documentos raros da Escola de Liberdade (*Freedom School*) e do Sindicato dos Trabalhadores pela Liberdade, do Mississippi, e do Teatro Sulista Livre – todas inovações críticas na práxis do Movimento. E o programa contém sua própria lista de livros, ainda que incompleta, nos quais o SNCC é “estudado, analisado e dissecado”, assim como uma extensa lista de histórias orais disponíveis.

O que desejo dividir aqui com os leitores no restante deste artigo é minha própria e breve apresentação na conferência do quinquagésimo aniversário. Além de palavras, penso ser importante registrar um pouco do sentido das convicções interrogadas e reforçadas, o prazer de ouvir as velhas canções reincorporadas em seus mais significativos contextos culturais e sociais, o orgulho de poder, finalmente, saudar todos aqueles que influenciaram a sua própria geração e as gerações vindouras, quando

nossa própria consciência política ainda se formava, e antes de nos dedicarmos a outras coisas.⁹ Acima de tudo, quando olhava para a capela da Shaw University, construída no conhecido modelo das igrejas afro-americanas, pude olhar nos rostos de meus próprios pais e de muitos mentores e amigos próximos que me ensinaram para que serviam *a canção e a luz*, e como usá-las. O texto a seguir é uma versão minimamente expandida das minhas observações como participante do painel intitulado “Black Power/Educação/Panafricanismo”, em 16 de abril de 2010, quando falei sobre o legado do SNCC para o internacionalismo negro (ou transnacionalismo, para usar um termo mais atual), pelo prisma da experiência de uma mulher negra.

NO VETOR DO MOVIMENTO

Permitam-me começar com anedotas pessoais. A primeira aconteceu em 2006 na Universidade da Cidade do Cabo (UCT), na África do Sul. Meu marido, o professor Tony Bogue, e eu estávamos preenchendo os vários formulários que oficializavam nosso semestre como professores visitantes no Centro de Estudos Africanos. Estávamos perplexos com tantas categorias para a imediata autoidentificação, que, obviamente, se referiam aos cidadãos sul-africanos, quando encontramos nosso “espaço”. Havia, no formulário, a categoria “pessoas de cor internacionais”. Nós marcamos essa. A segunda anedota aconteceu no início deste mês, no campus Pirassununga da Universidade de São Paulo, no sudeste do Brasil, onde eu participava de um simpósio internacional sobre o negro nas ciências e tecnologias.¹⁰ Quando uma estudante, entre os vários jovens inteligentes que nos recebiam no encontro,

⁹ Um resumo do programa da conferência está disponível em: <http://www.democracy-nc.org/downloads/SNCC-4-10.pdf>; e um resumo da fundação do SNCC em: <http://www.sncc50thanniversary.org/news.html>, assim como visões gerais de Charles Cobb em: <http://baltimorenonviolencecenter.blogspot.com/2010/04/sncc-at-50.html>, e de Carl Davidson em: <http://www.indybay.org/newsitems/2010/04/27/18645895.php>. Depois, siga em frente, baixe e ouça gravações originais de canções como “Oh, Freedom”, “If You Miss Me at the Back of the Bus”, “Ain’t Gonna Let Nobody Turn Me Round”, e “Keep Your Eyes on the Prize”, disponíveis na Internet. Todas foram apresentadas no concerto organizado pelos remanescentes da formação original do grupo Cantores da Liberdade para pontuar em estilo inigualável a conferência do aniversário de 50 anos. Mais músicas relevantes do Movimento podem ser acessadas em: www.bernicejohnsonreagon.com/.

¹⁰ O tema da minha apresentação no Primeiro Simpósio “A População Negra na Ciência e Tecnologia”, organizado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), da Presidência da República do Brasil, e pela Universidade de São Paulo, em Pirassununga, de 6 a 8 de abril, foi “*Baobá & Iroko*: o que a experiência da África do Sul

tentava me deixar à vontade, ela me perguntou, “A senhora sabe sobre o Movimento Negro? Por exemplo, conhece uma de suas lendas vivas, Abdias do Nascimento?” Claro, respondi. Mas na minha mente eu completei, Courtland Cox me deu a tarefa de ajudar a traduzir o breve, mas astuto discurso de Nascimento proferido no VI Congresso Pan-Africano em Dar-es-Salaam, na Tanzânia, quando o eminente escritor, acadêmico, organizador e ator, participou como o único representante do Brasil Negro, em 1974!¹¹ A mesma jovem sentou-se bem atrás do pequeno grupo de professoras negras, de onde uma delas foi a primeira a se levantar em reação à minha fala. “Sabíamos que a senhora era uma de nós”, afirmou ela com segurança, “o pano branco prendendo os seus cabelos, o pano da costa, agradecendo primeiro aos ancestrais, respeitando nosso saber e fazendo referência a árvores sagradas”.

De fato... Senti-me, sempre, como “uma de nós”. É um sentimento que quase sempre tenho experimentado, já há mais de três décadas. Mas hoje eu quero tentar responder a uma pergunta que este jeito de ser quase inevitavelmente estimula em meus interlocutores: “Como você conseguiu ser assim?” Em outras palavras, qual é a genealogia dessas experiências, a história das práticas discursivas engendradas por elas, e como as essas me levaram a uma modesta contribuição para esta conferência sobre o SNCC? Quero responder descrevendo brevemente o que eu gosto de pensar que seja um vetor, um caminho com peso (gravitas) e direção, seguido por mim e muitos outros. Na verdade, por favor, considerem tudo o que vou dizer, mesmo quando eu estiver falando em termos de “eu”, como o que meus camaradas em Angola costumavam chamar de “discurso no plural” – um discurso composto por conhecimentos e experiências, fraquezas e realizações, hábitos e *insights* de muitos. Há sempre um “nós” nesse “eu”. É uma honra para mim poder dizer tudo isso pela primeira vez publicamente, tendo meus pais e muitos membros do SNCC com os quais trabalhei na platéia, assim como amigos mais chegados no painel aqui ao meu lado.¹² Vocês, ativistas do SNCC, eram os que costumavam vir para breves descansos em nossa casa lá em Daytona, Ohio, nos anos 1960, deixando para trás, em nossa cozinha, para uma

pode sugerir ao Brasil sobre os jovens negros e a política de ciência e tecnologia”. Um dos motivos era o início do meu envolvimento com o Instituto Cultural Steve Biko, em Salvador, Bahia, o que me levou a ser convidada para o simpósio.

¹¹ Hoje em dia, lógico, o verbo seria alguma coisa mais politicamente correta como “requisitado”. Mas no Movimento nós tínhamos *tarefas e responsabilidades*.

¹² Meus pais, Charles e Florence Tate, foram organizadores, nos anos 1960, do DARE (Aliança de Dayton pela Igualdade Racial), do UMOJA, grupo local de mulheres negras, de um pequeno centro cultural, da sede local do CORE (Congresso pela Igualdade Racial), e fizeram muitos eventos para levantar fundos para o SNCC e suas atividades. Os outros panelistas eram Courtland Cox (moderador), professora Sylvia Hill, Howard Moore e professor Greg Carr.

menina adolescente “mascar”, suas histórias sobre cantorias na cadeia e viagens noturnas pelas tenebrosas estradinhas do interior do Sul, e sobre ensinar e serem ensinados, e clamando em voz alta “Black Power!”, sob a mira de armas.

Uma forma de traçar o vetor pode ser simplesmente listar um conjunto de organizações, que me levou, assim como a muitos outros, às noções de educação negra independente e Pan-Africanismo, que são os princípios norteadores implicados no título deste painel. Se eu fizesse isso, a lista a partir da ótica das minhas próprias experiências seria mais ou menos assim construída em uma ordem cronológica flexível de impacto, influência e, em alguns casos, participação direta: DARE, SNCC, CORE, o Movimento de Estudos Negros, o Centro para Educação Negra, Drum & Spear Press, o Dia da Libertação Africana, o VI Congresso Pan-Africano.¹³ E então, constituindo o que os marxistas costumavam chamar de “salto qualitativo”, porque eu não só estive em várias ocasiões com representantes de cada uma delas, quando morava em Dar-es-Salaam, mas também por mais tarde ter me envolvido bastante com uma delas, haveria outro agrupamento de “pontos” no vetor. Esses seriam os vários movimentos de libertação: Frelimo (Moçambique), MPLA (Angola), ANC (África do Sul), Consciência Negra (África do Sul), SWAPO (Namíbia), ZANU e ZAPU (Zimbábue).¹⁴ E agora, pelo menos para mim neste novo século, o Movimento Negro brasileiro e o conjunto de outros movimentos sociais e culturais afrodescendentes, sobre os quais começo a aprender mais, como parte de um outro “nós”.

Mas isto é mapear a caminhada muito apressadamente, mesmo para uma breve exposição. Deixe-

¹³ Para uma sólida noção sobre as fileiras de estudantes negros ativistas entre os quais os membros mais jovens do Centro Para Educação Negra, localizado em Washington no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970, eram selecionados, e o corpo de idéias que os nutria, ver P. Joseph (2003). Para mais informações sobre a Drum & Spear Livraria, que deixou de existir em meados da década de 1970, ver Colin Beckles (1996) e Seth Markle (2008). Como muitos documentos sobre o Movimento, esses dois apresentam perspectivas parciais, mas extremamente valorosas. Beckles de alguma forma junta o Centro para Educação Negra e a Livraria, mas não captura bem a noção de origens e importância de ambos; Merkle não informa que a presente escritora não só trabalhou em ambos, na livraria e no jornal Drum & Spear, mas também foi editora de língua inglesa na editora Tanzania Publishing House, entre 1974-1979, onde editou vários textos políticos, incluindo Resoluções e Discursos Selecionados do VI Congresso Pan-Africano e um romance. As percepções sobre o VI Congresso por um tempo geraram uma verdadeira indústria caseira de artigos críticos e textos injuriosos para publicação, visto que, para muitos, o congresso foi um momento de virada para a política radical afro-americana. Para saber mais sobre as conexões e fluxos de ideias e práticas entre o século XX e os movimentos de libertação africanos e os ativistas negros de várias tendências e organizações diferentes, ver: Minter, Hovey e Cobb (2008).

¹⁴ Minha associação com o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) durou mais de uma década, começando na organização do acampamento Kurasini, perto de Dar-es-Salaam, às vésperas da independência de Angola em 1975, e depois durante os dez anos em que vivi em Luanda, de 1979 a 1991. Mesmo uma revisão apressada da literatura sobre os movimentos de libertação africanos não seria possível aqui neste artigo, embora seja uma necessária base para um melhor entendimento de alguns dos temas apenas mencionados aqui.

me falar um pouco mais sobre alguns desses pontos no vetor, e usá-los para iluminar alguns dos conceitos e práticas que moldaram a presença e a trajetória de um certo tipo de ativista negro no final do século XX. Imagine que isso seja uma sessão de uma longa conversa que precisa seguir adiante, colhendo os fios de mais vidas no seu caminhar. Focarei no Centro para Educação Negra (*Center of Black Education*) do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, cuja própria espinha era “o pessoal do SNCC”, como costumávamos chamar pessoas como Charlie Cobb, Jean Wiley, Ralph Featherstone, Courtland Cox, Judy Richardson, Ivanhoe Donaldson e Charles e Anne (Forrester) Holloway, entre outros – veteranos do SNCC que não desistiram, apenas *se mudaram*.¹⁵ Construído em torno da noção de educação negra enraizada na Freedom School do SNCC e no programa de dez pontos do Black Panthers, o Centro possuía também uma mais longa e mais profunda tradição de pedagogia negra – aqueles centros escolares segregados de um cômodo onde, como meus pais gostam de me lembrar, *todo dia* era Mês da História do Negro (*Negro History Month*), pelas mãos dos dedicados professores e diretores negros que fundaram e trabalhavam ali.

O Centro para Educação Negra era localizado no coração do que em Washington, D.C. era conhecido como “o corredor dos distúrbios” e casa de muitas famílias negras da classe operária, em um dilapidado conjunto de prédios nos quais nos reabilitávamos.¹⁶ Logo ele se transformou em um lugar de ideias e prática, um espaço onde os membros tinham o compromisso com – até mesmo de mostrar – o pensar e o fazer. A prática de qualquer um e todo mundo cuidar de tarefas como limpar, mas também escrever, cozinhar ou de autodefesa e defesa da comunidade era típico do SNCC. O mesmo serve para os muitos elementos programáticos do Centro. Tinha-se, definitivamente, que ter um setor de comunicações,

¹⁵ A principal liderança do Centro para Educação Negra (CBE) era formada, também, por pessoas de outros movimentos, tais como Jimmy Garrett, do Movimento de Estudos Negros da Bay Area de São Francisco, Oakland. De certa forma, a perda de importantes espaços organizacionais para as organizações do movimento negro, em virtude da extrema repressão policial e política, entre outros motivos, foi vantajosa para muitos centros urbanos no Norte e para a capital da nação. O Centro também se valeu da sabedoria intelectual de figuras importantes como C.L.R. James, que no início dos anos 1970 viveu e lecionou parte do ano em Washington, D.C. O falecido Ralph Featherstone, que foi assassinado em 1969, exerceu uma maior influência, evidentemente, primeiro na Livraria, visto que ele era o galvanizador chefe, e depois no Centro. Minha curta lista aqui não deve ser vista como uma lista definitiva ou exaustiva das lideranças do Centro, muito menos como uma lista qualquer sobre os associados, que no seu ápice era provavelmente de cerca de cem pessoas. Ao contrário, a curta lista é o que a memória consegue lembrar ou pinçar nesta escrita, um argumento tão bom quanto qualquer outro por fazer este tipo de história de forma coletiva e repetida.

¹⁶ O CBE era próximo à esquina da 14^a com a Fairmont Street, N.W. A emergência de rebelião e ira negras nesta parte da capital nacional após o assassinato de Martin Luther King, como em tantos outros grandes centros urbanos, deparou com uma pronta e repressiva força policial, e o emprego de táticas militares recém aprimoradas na guerra do Vietnã.

o que talvez chamássemos hoje de prática discursiva do SNCC; então nós tínhamos um. O *Pan African*, um boletim impresso regularmente em um mimeógrafo velho, mas resistente, no subsolo do Centro, era enviado para um amplo círculo de correspondentes locais e internacionais. Cópias das principais publicações do Centro eram trocadas por aquelas produzidas pela rede esporádica de outras escolas negras independentes, como aquelas organizadas por Don Lee (Haki Madhubuti) e Amiri Baraka, em Chicago e Newark respectivamente, e eram também distribuídas em estabelecimentos comerciais e escolas no bairro negro.¹⁷ Mas o *Pan African* também era enviado pelo correio para os camaradas (ou *brothers and sisters*, como diríamos na época) de movimentos radicais do Caribe como o movimento Nova Jóia e o WPF; através do Atlântico para a livraria e jornal Bogle-Louverture, e o jornal-coletivo *Race Today*, na Londres negra radical; e para Dar-es-Salaam, na Tanzânia, onde tínhamos contatos com os jornais *Uhuru* e o *Daily News*. Nós líamos sobre as lutas de outras comunidades e populações negras, e eles liam sobre as nossas, com regularidade e intensidade. O Centro produzia dois programas de rádio: o boletim semanal de notícias, *Sauti*, e o programa *Saa ya Watoto*, para crianças, ambos na popular estação local WOL-AM, que tocava as músicas negras preferidas da maioria dos negros de Washington.¹⁸

Nós organizávamos aulas sobre história negra, literatura e política para nós mesmos, numa primeira instância – tendo *educação política* como um mantra constante –, mas também as oferecíamos para a comunidade local. A prática do SNCC sempre foi de sentarmos com as pessoas e ouvi-las, para sabermos qual eram suas intenções, e ajudá-las a alcançar o que almejavam. Ou, como dizia a senhora Baker, “Faça o que as pessoas lhe dizem para fazer”. Seguindo uma prática similar, o Centro acabou incorporando uma escola maternal, uma clínica de saúde no subsolo, visitada por voluntários médicos negros locais, e uma pequena biblioteca. Talvez ainda mais importante, a uma curta distância a pé ficava a Livraria Drum & Spear. A primeira do tipo em Washington, especializada em materiais de estudos negros – as literaturas, histórias e políticas não só da Afro-América, mas também da África, *tudo* sobre o assunto. Mas na livraria havia também uma linha completa do que era então chamado de literatura do *Terceiro*

¹⁷ Através do Drum & Spear Press, o CBE também lançou um pequeno número de publicações, como seu volume de 1972, pensado para ajudar a educar e mobilizar os participantes para uma série de atividades pelo país em comemoração ao Dia da Libertação Africana nos EUA.

¹⁸ O uso de nomes em Kiswahili (“voz” e “a hora das crianças”) nos programas de rádio foi emblemático de outra das mais fortes influências ideológicas no Centro e no Drum & Spear, a saber, a política da Tanzânia e seu partido político, TANU, durante o governo de seu primeiro presidente, Mwalimu Julius Nyerere. Alguns anos após o período dos programas do Centro para Educação Negra, a administração da estação de rádio WOL finalmente se parecia com a música que ela tocava, quando os empresários afro-americanos Kathy e Dewey Hughes a compraram.

Mundo, de forma que nenhuma luta anti-colonial era “estrangeira” para seus clientes, muito menos para aqueles entre nós do *staff* que encomendavam livros, sob a orientação de conhecedora (no meu caso) de Judy Richardson.

ATOS DE PENSAMENTO

Quando me mudei para a Tanzânia, compreendi que esses conceitos e práticas – esse *modo de ser* entre o “círculo” interno, que era uma comunidade-de-prática, e uma comunidade circunjacente, local, mas em contato com o global – eram as bases para um tipo particular de *internacionalismo negro* (ou *transnacionalismo*). Isso não era um “sonho Pan-Africano”, como insistiam alguns, era na verdade, em muitos sentidos, uma séria “política exterior” para aqueles que não eram responsáveis por uma nação, um conjunto de ideias circulantes com uma tremenda força, dando conta de uma rede dispersa local e global.¹⁹ As instituições criadas pelo Movimento, tais como o Centro para Educação Negra ou a Livraria Drum & Spear, eram portas de entrada para entendimentos, pela observação, apoiando e às vezes nos unindo às lutas de outros povos – numa primeira instância, da África e de afrodescendentes nas Américas, Europa e Ásia (nós povoamos muitas “Áfricas” diferentes), mas também de outras etnias e nacionalidades. O traço em comum podia ser traçado nos motivos subjacentes ao Movimento Sulista pela Liberdade: *contra* a exploração e a opressão, e *pela* igualdade e justiça, tendo a dignidade humana como um valor preponderante – a mesma mensagem contida nas canções de liberdade, e entendidas onde quer que elas chegassem.

Aqueles que praticavam um transnacionalismo negro sob influência do SNCC e outras organizações do Movimento seguiam um conjunto de atos de pensamento, de forma consciente, mas imperfeita. Eu devo deixar claro que estou descrevendo práticas ideais. Assim como o próprio SNCC, nenhuma das organizações que o SNCC subsequentemente influenciou era perfeita. Quero que fique

¹⁹ Para mais informações sobre o que eu chamo de “movimento de noção”, a duradoura troca de ideias políticas radicais no mundo negro, ver principalmente Bogue (2003); e também Edwards (2003) e Mahon (2008). Não quero dizer, ao focar na minha própria experiência na Tanzânia, que “praticar diáspora” era de nenhuma forma limitada aquele país, muito menos àquela era. As experiências da diáspora negra em Gana, no Brasil, na Argélia e em muitos outros locais em meados e finais do século XX são outras dimensões, com suas próprias distinções e problemáticas, do mesmo fenômeno que está sendo descrito aqui “telescopicamente”.

óbvio também que apoiar essas práticas sempre esteve na raiz da resistência negra organizada contra a escravização e a supremacia branca, e que, portanto, estes não são atributos exclusivos das organizações da metade do século XX. Mas estou descrevendo um modo de pensar-enquanto-ação que deu peso e direção ao vetor. Alguém sempre tentava “entrar” em uma comunidade que inicialmente não fosse a sua própria, quase sempre seguindo o “método Bob Moses” de simplesmente sentar-se quieta e discretamente nos centros da vida pública – num café, numa praça, perto de uma árvore ampla, em campos de terra batida, ou em quadras esportivas depredadas onde jogos aconteciam – e atender prontamente aos convites das pessoas locais, quando os convites começaram a aparecer. Outro adotava uma postura de ouvir/aprender, em busca de uma oportunidade, caso surgisse, de ressaltar a capacidade de uma comunidade para identificar e nomear suas próprias preocupações e problemas mais importantes como uma forma de *iluminar* essas questões. Outra pessoa lia os livros e jornais que eles liam, ouvia a música que eles gostavam, aprendia a falar a língua deles, assistia aos jogos das crianças, comia (na maioria das vezes) o que eles comiam. Ninguém nunca confundia analfabetismo com falta de inteligência, e sempre se ouvia todos os contadores de histórias.

Para o ouvido acadêmico, tudo isso pode ser muito semelhante a uma prática antropológica engajada, mas havia uma diferença. O envolvimento com as questões locais não era um dilema ético em torno de um objeto de estudo, uma opção para melhorar a pesquisa pessoal de alguém. Esse era *o motivo pelo qual* a pessoa estava lá, por que tinha sua gênese nas articulações e demandas locais, porque estava em um comprometimento declaradamente político. Mais tarde, este foi o impulso para outra prática, a estratégia bastante calculada de posicionamento em reuniões com aliados potenciais (ou mesmo com inimigos) de outras formações, ou de uma persuasão política diferente. Nessas reuniões, nas quais ideias eram disputadas, mas a resolução tinha que resultar em ação articulada ou conjunta, a prática era sempre ser aquele que se voluntariava para “anotar as coisas” – um sentido da discussão, o encaminhamento acordado. “Talvez você tenha que passar a noite toda em claro, mas no dia seguinte, quando se chega a um consenso, é importante saber de quem foi a mão que deu forma ao documento final”. “O Sr. Fulano não é nada, o Sr. Cicrano é o cara” (*Mr. Say ain't nothing, Mr Do's the Man*), assim dizia o ditado – mas aqui ele voltava a si mesmo.

Duas ideias foram fundamentais para esses atos de pensamento, os mesmos que designaram o que estava sendo feito e por que: *liberdade e movimento*. A noção do SNCC, e do transnacionalismo negro que ele influenciou, era de um círculo sempre crescente de *liberdades*, explicitamente plural, à medida que a consciência e as sociedades iam se desenvolvendo. Para colocar isso em prática, várias coisas eram necessárias. No mínimo, tinha-se que desenvolver uma crítica da exploração, como esta estava sendo afetada e por quais transformações havia passado. Tinha-se também que ter uma noção dos aliados, e de como trabalhar em coalizão. Um colorário para essa noção de aliados era o entendimento de que eles poderiam ser encontrados entre os oponentes, e que alguém poderia conseguir mudar a mentalidade dos filhos do “inimigo”.²⁰ Quando se conseguiu entender isso – de novo, esta era uma prática imperfeita, disseminada por telefone mediante constrangimentos práticos e filosóficos, e longe de ser aceita por todos os membros do Movimento –, havia a noção de que a luta sendo mantida em nome da “liberdade total” poderia ser útil também para ajudar o opressor a descobrir uma humanidade comum.

Havia sempre, neste conceito de expansão de liberdade, um conjunto de objetivos explicitamente articulados. “Algo para ser tanto a favor quanto contra”, como disse um dos meus colegas do SNCC, um *programa mínimo* e um *programa máximo*, como os camaradas dos movimentos de libertação das ex-colônias portuguesas costumavam especificar, no tempo em que a liberdade estava ainda em suas mentes. Essa liberdade oscilante, circular, intensificadora gerou um movimento correspondente, sempre *gingando*, como dizem no Brasil, entre comunidade e nação, e entre local e internacional.²¹

Movimento, então, é outra ideia crítica fundamental e, de novo, para o SNCC e aqueles formados por seus preceitos, é uma palavra com múltiplos significados e sentidos. Havia movimento no ato de participar das mutantes zonas geopolíticas de combate. Certamente, havia movimento encapsulado na própria noção e prática de “ir para o Sul” nos anos 1960: deixando o urbano pelo rural; deixando a zona de discriminação mais velada por aquela de opressão aberta, penetrante; saindo da zona onde estavam os agentes do governo mais educados para ir lidar com xerifes truculentos e fazendeiros que nem sequer

²⁰ Para uma espirituosa e cativante interpretação desse aspecto da filosofia do Movimento Sulista pela Liberdade, ouça a canção “Dog, Dog [My Dog Loves Your Dog]” no CD *Voices of the Civil Rights Movement* (1997).

²¹ A canção “Oginga Odinga,” também da coleção *Voices*, demonstra a aguçada consciência dos membros do SNCC sobre os movimentos anti-coloniais e pela liberdade em meados do século XX na África, as irônicas reciprocidades implícitas nas personalidades negras que viajavam de uma parte à outra do mundo negro, e o que isto significava tanto para os negros quanto para os outros.

precisavam dissimular suas missões terroristas. Anos depois, para os que seguiram os passos de numerosos membros do SNCC que já tinham viajado para outras partes do mundo, principalmente África, Caribe e América do Sul, ir para o Sul ganhou outro sentido: sair de onde negro significava “minoría” para ir para aonde essa pressuposição era virada de ponta à cabeça.²² Assim, muitos de nós do Centro para Educação Negra fizemos nossas primeiras viagens à Tanzânia e à Guiana, entre outros países.²³ Como diz a canção, nós seríamos sempre encontrados, se não fosse “marchando”, certamente seria “pegando o trem” (ou avião), mas sempre “a caminho”.

Havia outro significado importante para a ideia de movimento, no sentido de fazer as pessoas se “moverem” ou, em outras palavras, o exercício da ação pessoal e coletiva. Assim também o são a luz e a canção de liberdade, se ouvirmos atentamente as canções e discursos do Movimento Sulista pela Liberdade. Entretanto, de acordo com o SNCC, a mensagem pode ser passada: a mudança social é possível apenas através de ações social e política diretas, e as ações do oprimido são ainda mais cruciais para a destruição da opressão, e que o ex-objeto é agora o sujeito. Política, neste sentido, é uma ferramenta coletiva para mudança social e justiça social, e abarca luta e análise, construção e negociação, não apenas de eleições, muito menos de “estilo” e de grandes e distantes figuras políticas. “Pessoas fortes”, dizia a sra. Baker, “não precisam de líderes fortes”. E *organizar*, como sempre frisavam os secretários de campanha do SNCC, era diferente de *liderar*.

E por último, movimento obviamente significava, de acordo com o SNCC, não só um movimento físico, mas um movimento de idéias, como descrito anteriormente – um fluxo constante de idas e vindas de conceitos negros abstratos, práticas concretas, imagens, sons, ritmos, comidas e estéticas através dos oceanos e de fronteiras físicas, linguísticas ou epistêmicas. É um movimento que geralmente aponta como incorreta qualquer preocupação intolerante com a discussão sobre qual comunidade negra ou movimento “foi o primeiro” a criar quaisquer dessas ideias, e desvia a atenção mais para a análise crítica sobre a forma como as essas foram distribuídas, e sobre o fato de elas serem constantemente recontextualizadas. *A canção e a luz viajam*. Essas ideias de movimento, liberdade-em-movimento, formaram uma ponte para

²² É bom que se diga que havia no círculo do Centro para Educação Negra e no Drum & Spear, assim como no próprio SNCC, pessoas que eram da África e principalmente do Caribe, incluindo o professor Acklyn Lynch, o jornalista e radialista Kodjo Nnamdi e, evidentemente, o invencível C.L.R. James.

²³ De minha parte, como meus pais costumam dizer, não inteiramente de brincadeira, eu vivi o “ir para o Sul” ao extremo, a começar pela tarefa de trabalhar na Secretaria do VI Congresso Pan-Africano, e acabar por fazer do Sul da África a minha casa por dezoito anos.

o mundo além, para “extensão interna, e alcance externo”, como dizia o falecido Rex Nettleford, para todos os que foram influenciados pelo SNCC.²⁴

Portanto, sinto-me em casa, sim, onde quer que haja negros na luta – *muito em casa*. Este é um dos legados do SNCC, para mim e para muitos outros: imperfeitamente, mas conscientemente nós nos tornamos negros transnacionais, em nossos pensamentos, sentimentos e práticas. Talvez haja a necessidade de um internacionalismo negro crítico do século XXI. Haja vista o grande número de jovens aqui na platéia. Se este for o caso, espero que essa breve reflexão tenha sido útil. Vamos conversar sobre isso, e obrigada!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-AMIN, Abdullah [H.Rap Brown]. *Die Nigger Die!:* a political autobiography of Jamil Abdullah al-Amin. Nova York: The Dial Press, 1969.

BECKLES, Colin A. Black Bookstores, Black Power, and the F.B.I.: the Case of Drum and Spear. *The Western Journal of Black Studies*, v. 20, n. 2, 1996, p. 63-71.

BOGUES, Anthony. Teaching Radical Africana Political Thought and Intellectual History. *Radical History Review*, n. 87, outono de 2003, p. 146-55.

CARMICHAEL, Stokely e THELWELL, Ekwueme Michael. *Ready for the Revolution:* the life and struggles of Stokely Carmichael. New York: Scribner, 2003.

CENTER FOR BLACK EDUCATION. *African Liberation:* an analytical report on Southern Africa. Washington, D.C.: Drum & Spear Press, 1972 (Library of Congress n. 72-888-68).

COBB, Charles. *On the Road to Freedom:* a Guided Tour of the Civil Rights Trail. Chapel Hill, NC: Algonquin Books, 2008.

EDWARDS, Brent. *The Practice of Diaspora:* Literature, Translation and the Rise of Black Internationalism. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

²⁴ Rex Nettleford (1933-2010) foi fundador do Companhia Nacional de Teatro e Dança da Jamaica, vice-diretor da Universidade das Índias Ocidentais, crítico e teórico cultural, filósofo, educador sindical e dançarino, por excelência.

FERREIRA, Edinéia L., SANTOS, Elzelina Doris dos CARDOSO, Marcos Antônio. *Contando a História do Samba: Caderno de Textos*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

HAMPTON, Henry (prod.). *Eyes on the Prize* DVD Box Set: America's Civil Rights Years, 1954-1965. 2003.

HOLSAERT, Faith; NOONAN, Martha Prescod Norman; RICHARDSON, Judy; ROBINSON, Betty Garman; YOUNG, Jean Smith e ZELLNER, Dorothy (eds.). *Hands on the Freedom Plow: Personal Accounts by Women in SNCC*. Champlain, IL: University of Illinois Press, 2010.

JEFFRIES, Hassan Kwame. *Bloody Lowndes: Civil Rights and Black Power in Alabama's Black Belt*. Nova York: New York University Press, 2009.

JOSEPH, Peniel. Dashikis and Democracy: Black Studies, Student Activism, and the Black Power Movement. *Journal of African American History*, v. 88, 2003, p. 183-203.

MAHON, Maureen. The Politics of Identification and Representation in the African Diaspora. In: *Manning Marable, Transnational Blackness: Navigating the Global Color Line (Critical Black Studies)*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.

MARKLE, Seth. "Book Publishers for a Pan-African World": Drum and Spear Press and Tanzania's Ujamaa Ideology. *Black Scholar*, Inverno de 2008.

MINTER, William; HOVEY, Gail e COBB Jr., Charles. *No Easy Victories: African Liberation and American Activists over a Half Century, 1950-2000*. Trenton, NJ: Africa World Press, 2008.

MOSES, Robert and COBB, Charles Cobb. *Radical Equations, Math Literacy and Civil Rights*. Boston: Beacon Press, 2001.

PAYNE, Charles. *I've Got the Light of Freedom: the Organizing Tradition and the Mississippi Freedom Struggle*. Berkeley: University of California Press, 1995.

RANSBY, Barbara. *Ella Baker and the Black Freedom Movement: a Radical Democratic Vision*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.

REAGON, Bernice J. *If you don't go don't hinder me: the African-American Sacred Song Tradition*. Lincoln, NB: Nebraska University Press, 2002.

_____. *Voices of the Civil Rights Movements: Black American Freedom Songs 1960-1966*. Liner notes for DVD. Washington, DC: Smithsonian Folkways Recordings, 1997.

RICHARDSON, Judy e CRAM, Bestor (prod./dir.). *Scarred Justice: The Orangeburg Massacre 1968*. Northern Light Productions/Independent Television Service film, 2009.

RUBIN, Larry (org.). *Program of the 50th Anniversary Conference of the Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC)*. Raleigh, Carolina do Norte: Shaw University / ©SNCC Legacy Project, 15-18 de abril de 2010.

SIXTH PAN AFRICAN CONGRESS SECRETARIAT. *Resolutions and selected speeches from the Sixth Pan African Congress*. AUGUSTO, Geri (ed.). Dar es Salaam: Tanzania Publishing House, 1976.

ZINN, Howard. *SNCC: The New Abolitionists*. Boston: New Beacon Press, 1964-2002.